

Casuística teratológica

Quatro casos de hemímelos torácicos e pelvianos duplos, numa família do Estado do Paraná

pelo

Dr. H. C. de Souza-Araujo

(Com duas fotogravuras no texto)

Em Setembro de 1920 conheci em Guarapuava, no Estado do Paraná (cidade situada acima da Serra da Esperança, altitude 1.200 metros e distante de Curitiba 320 km pela estrada de rodagem), os três monstros da fotografia n.º 1, filhos de Gabriel Baptista da Rocha, então com cerca de 58 anos de idade e de sua mulher Luciana Alves da Rocha, com cerca de 43 anos, ambos naturais de São José dos Pinhais (Paraná) e residentes em Guarapuava desde 1893 ou 1894. O casal tinha tido mais seis filhas, estas *normais*, das quais estavam vivas as quatro seguintes: Gertrudes com 19 anos, Odília com 8, Nelcinda com 3 e Rosa com 2 anos de idade, e duas falecidas: Francisca aos 44 anos e Maria das Dores aos 12 anos de idade.

Dois meses depois nasceu-lhes a última filha (10.º). Maria, em 20 de Novembro de 1920, esta *anormal*, com as mesmas malformações dos seus três irmãos, representados na fotografia n.º 1, que são: N.º 1 — João com 16 anos, n.º 2 — Manuel com 25 e n.º 3 — Francisco com pouco mais de cinco anos de idade. Manuel e João conheciam rudimentos de leitura e todos três tinham mente normal. Dos dez filhos do casal quatro são monstros (40%).

Decorridos cerca de vinte anos procurei saber da sorte dessa família, escrevendo ao Prefeito de Guarapuava, Dr. Mário P. de Camargo, que, amavelmente, não só me forneceu os dados sobre a situação física de toda a família de Gabriel-Luciana, como também ofereceu-me a fotografia n.º 2, que ilustra este trabalho, representando os quatro monstros com os seus pais. Pouco depois faleceu Luciana (1939), a mãe, e Gabriel (1940), o pai. A fotografia n.º 2 mostra Gabriel com 77 anos, Luciana com 62 e os aleijados, a contar da esquerda, João com 36 (cujo estrabismo direito, convergente, que apresentava na fotografia n.º 1, está bastante atenuado), Manuel

com 44, Francisco de 24 e Maria com 19 anos de idade. De 1940 (Outubro) a 1946 (Março) fui ao Paraná cinco vezes e em tôdas elas tentei ir à Guarapuava, a fim de examiná-los, não o tendo feito devido à intransitabilidade da estrada (épocas de chuvas). Nesse ínterim o Prefeito Camargo e o Sr. Horácio Hilário Pimpão mantiveram-me ao par da vida desses infelizes. Há anos o médico Miguel Bohomoletz começou a estudar êsses monstros, tendo falecido antes de publicar algo. Em 1941 o Prefeito Camargo designou o médico municipal, Dr. Rubem Fleury da Rocha, para continuar êsses estudos, tendo êste colega os visitado uma vez, há cêrca de dois anos, em busca de informes que, parece-me, não chegou a publicar, nem me foram encaminhados, como me prometera o referido Prefeito Municipal.



Fotografia nº 1 — Em 1920: João com 16 anos (nº 1), Manuel com 25 anos (nº 2) e Francisco com 5 anos (nº 3)
(Cópia dum postal adquirido em Guarapuava).

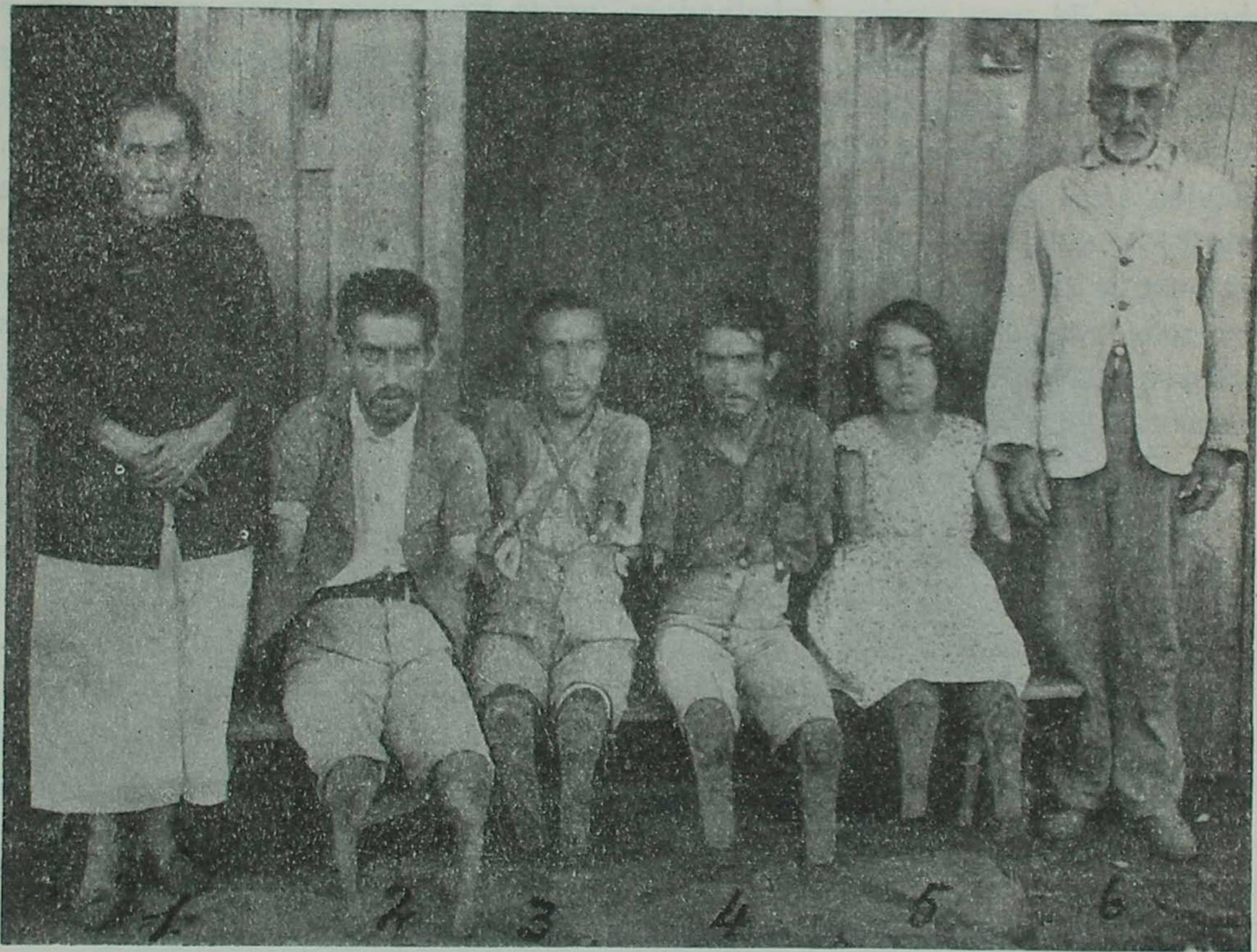
Viagem à Guarapuava — Fiz uma viagem especial de Curitiba à Guarapuava, em ônibus (640 kms ida e volta), para examinar os «monstros guarapuavanos» e os seus parentes. Tal exame — aliás superficial por me

faltar capacidade especializada — teve lugar no dia 14 de Abril de 1947. Levou-me à casa deles, um rancho modesto do bairro Carro Quebrado, à cerca de 3 km da cidade, o Sr. Horácio Hilário Pimpão, a quem aqui agradeço por êsse e outros favores. A minha visita foi feita de surpresa e fui recebido com franca simpatia. Vivem êles com o seu cunhado Manuel Resende da Rocha, homem branco, normal, trabalhador, natural, também, de São José dos Pinhais, donde veio com 21 anos de idade, tendo hoje 51. Há 13 anos êle casou-se com Odília, segunda filha normal de Gabriel e Luciana, hoje com 34 anos, sadia, trabalhadora, tendo tido cinco filhos, sendo que o 1.º nasceu um ano após o seu casamento e morreu logo após; o 2.º nasceu um ano mais tarde e morreu com 7 dias. Examinei os seus três filhos vivos: Maria Eudóxia, com 8, João Maria com 4 e José com 2 anos de idade. Tôdas estas crianças são normais, sadias, brancas e bonitas. Com Resende obtive muitos informes sôbre a vida dos seus cunhados e com Odília a afirmativa de que os seus avós, paternos e maternos, eram normais e que os seus pais tiveram sempre boa saúde. Os seus informes foram dados sempre com precisão e desembaraço. Disse-me Odília que teve cinco irmãs normais como ela o é, acrescentou, e três irmãos e uma irmã aleijados. Ao todo dez. Daquelas Francisca morreu com 44 anos deixando vários filhos normais e Maria das Dores com doze. As irmãs vivas são: Gertrudes, com 46 anos, viúva, com vários filhos normais (não sabe quantos); Rosa, com 29 anos, casada, tem dois filhos normais e vive em situação de abastança no Distrito de Pinhais, a 12 léguas de Guarapuava; e Nelcinda, com 28 anos. Esta é apresentada como *normal* por não ter os seus membros abortados, mas é um caso de cyphose e escoliose dextra, bastante acentuadas, que começaram a se processar quando ela tinha 8 anos. Examinei-a e conversei com ela: é pessoa mentalmente normal, de estatura mediana, falante, trabalhadora e com fervor defende os seus ancestrais das malformações dos seus quatro irmãos, que passei a examinar.

Estado atual dos quatro monstros.

Manuel tem 53 anos, aparentando mais. Desde 1924, quando tinha 30 anos, perdeu a audição e «ficou abobado», como informou o seu cunhado. Dirigi-me a êle de todos os modos, falando baixo ou alto ou balbuciando apenas as palavras ou pela mímica ou pelo sorriso. Esta era a única solicitação que êle respondia imediatamente: sorria também. Fazia esforço para conversar e poucas palavras pronunciava audíveis e compreensíveis. Graças ao seu hábito antigo — ainda trabalha e monta a cavalo. Dizem que êle foi um grande cortador de pinheiros e lenhador. Dorme e come bem. Veste terno completo, mas anda descalço. Marcha sôbre os joelhos ainda com certa agilidade, jogando o corpo para a direita e para a esquerda.

João tem 36 anos. Interrogado sobre a sua idade respondeu que só tinha 22 anos. Informam o seu cunhado e a sua irmã Odília que ele teve, quando menino, um ataque de convulsões que terminou em *vertigem*, começando desde então a ficar surdo. Solicitado de todos os modos, sentindo-se incapaz de responder, amesquinhou-se e abandonou a sala só regressando após a minha insistência e a promessa duma gorgêta de 20 cruzeiros e aí permanecendo até o fim da minha visita. João também trabalha, monta a



Fotografia nº 2 — Em 1939: Luciana Alves da Rocha (nº 1), a mãe, com 62 anos, com os seus filhos: João, com 36 anos (nº 2), Manuel, com 44 anos (nº 3), Francisco, com 24 (nº 4) e Maria, com 19 anos (nº 5) e o seu marido, Gabriel Baptista da Rocha, com 77 anos de idade, (n.º 6)

(Gentileza do Prefeito Municipal de Guarapuava, Mário P. de Camargo).

cavalo, dorme e come bem. Veste terno completo e calça sapatos de couro, ordinários, com as pontas voltadas para traz, andando sobre os joelhos.

Francisco. Este fez questão de dar o seu nome por inteiro e o ano do seu nascimento: *Francisco Baptista da Rocha*, nascido em 1912. Tem 34 anos. Movimenta-se e conversa como pessoa normal. Conta que já foi à Curitiba e que falou aos jornais. Nega firmemente, como a sua irmã Odília o fez, antecedentes de aleijados na sua família. Citou nomes de

parentes longínquos em Curitiba e Ponta Grossa com os quais eu poderia obter confirmação disso. Francisco não sabe ler e nem poderia escrever, entretanto tem inteligência bastante lúcida. É ele o gerente da sua bodega, que chama, enfaticamente, de «Nosso Bar». Vai com a carroça buscar gêneros na cidade. A sua venda tem uns 5 metros de extensão, com duas portas para fóra. A prateleira está cheia de garrafas de bebidas baratas, latas e caixa, e os outros gêneros, tais como cereais, açúcar, etc., estão depositados debaixo do balcão. Com admirável agilidade Francisco apanha, na prateleira, com os seus côtos, uma garrafa de cerveja e a abre arrancando-lhe a cápsula, com os dentes; coloca no balcão os copos e os enche com essa bebida. Garrafa fechada com rôlha de cortiça ele coloca no chão, entre os joelhos e com os côtos dos braços introduz a sacarrôlha e a abre. Vendo-o assim animado para a vida, perguntei-lhe se queria casar-se. Respondeu, sorrindo, que sim. Esta sua resposta produziu uma gostosa gargalhada nas suas irmãs. Perguntei-lhe se encontraria uma noiva sadia e bonita; respondeu que *sim*, convictamente! Aconselhei-o, então, que se casasse e que me chamasse à Guarapuava para baptizar o seu primeiro filho, se êste fôr *normal*.

Maria tem 26 anos e 5 meses, é de estatura mediana, robusta, vista normal, dentadura regular, estado geral excelente, fisionomia simpática e inteligente. Tem ela prazer em descrever o que faz: todos os serviços caseiros, especialmente lava roupa e a passa a ferro. Não monta a cavalo. Interrogada se queria casar-se, respondeu que *não*, com firmeza, porque a sua vida é muito boa assim, na companhia dos irmãos e sob a proteção do cunhado. Come e dorme bem e está sempre alegre.

Terminada a conversa com os quatro aleijões, o Sr. Pimpão exibiu-lhes uma carteira aberta de cigarros, da qual cada um dêles puxou um, com os seus côtos, e acendeu-o na chama da lamparina a querosene, que está sempre acêsa sôbre o balcão, e fumaram com prazer. *Maria* procurava fazê-lo com elegância, descançando o cigarro, de momentos a momentos, sôbre uma ranhura de pele que tem no côto do braço esquerdo, mantendo êste voltado para o peito, à altura da bôca. À minha despedida cada um dêles se aproximou do balcão e me ofereceu o côto direito para um apêrto de mão. Aproveitei a ocasião para apalpá-los, notando que cada côto de húmero termina em ponto romba, depois de ir afinando progressivamente.

Os monstros guarapuavanos nunca esmolaram; vivem do seu próprio trabalho. O antigo Prefeito Municipal de Guarapuava, Dr. Altino Borba, deu-lhes Alvará perpétuo, *grátis*, para a sua vendinha, de cuja renda vivem. Êles estão bem alimentados, vestem-se com suficiência e usam sapatos de homem, ordinários, nos quais introduzem os côtos das pernas, que ficam

voltados para traz, e andam com os joelhos apoiados nos calcanhares dos sapatos. Só o mais velho, Manuel, anda descalço. Manuel Resende, com ar de defesa dos seus cunhados, me informou que conhecia um homem natural do Rio Grande do Sul com as mesmas malformações do Francisco, casado com mulher sadia e vivendo no Distrito de Santa Maria, a 9 léguas de Guarapuava, e uma mulher de Catanduvas, que nasceu sem os braços, só tem as pernas e cose com os pés, e vive atualmente em Laranjeiras, a 18 léguas de Guarapuava.

Classificação dos Monstros.

A origem desses casos é obscura: uns atribuem ao parentesco próximo dos seus pais, cujo grau não pude determinar. Outros afirmam que os seus pais e avós eram todos normais. A pais normais que produzem monstros, Chabry chama de *monstriparos*. Não obstante Leitão da Cunha afirma que: «A herança é causa excepcional da transmissão de monstruosidades», creio que a Lei de Mendel explicará esses casos, de *osteogenese imperfeita* na proporção de 40% dos descendentes do mesmo casal.

Quanto à classificação teratológica desses casos não encontrei indicações em L. Aschoff nem em E. Gierke, indo encontrá-la, por indicação de Magarinos Torres, na *prata de casa*. Baseado na figura 25b do Tratado de Anatomia Patológica de Leitão da Cunha (pág. 140) dum «Hemímelo thoracico duplo de Breschet», pude classificar os meus quatro casos na Ordem dos *Monstros simples autófitos* (que se nutrem por si sós), 1.^a Tribo e 1.^a Família, a dos *Ectromelios* (de membros abortados) e 2.^o gênero, *Hemímelo*, cujos espécimes são caracterizados pela existência de um ou mais membros constituídos, apenas, pela metade, isto é, pelo seu segmento basal — braço ou coxa. Os meus quatro casos são «Hemímelos torácicos e pelvianos duplos», e esta publicação visa, apenas, fornecer novo cabedal de estudo aos senhores geneticistas.

BIBLIOGRAFIA

ASCHOFF, L.

Pathologische Anatomie, 7^a Ed. Berlin, 1928, I : 362.

GIERKE, EDGAR.

Taschenbuch der pathologische Anatomie, I. *Allgemeiner Teil*, Cap. 8^o. *Missbildungen*, pág. 135. Leipzig, 1911.

LEITÃO DA CUNHA, RAUL.

Tratado de Anatomia Pathologica, Ed. Pimenta de Mello, Rio, 1926, Item 127, pág. 140.

MENDEL'S LAW.

(Lei de Johann Gregor Mendel) In Milton J. Rosenau. *Preventive Medicine and Hygiene*, 4^a Ed. Appleton, New York, 1922, pp. 624-29.